

Em defesa da Bandeira^{OF}

CORREIO BRAZILIENSE

ADIRSON VASCONCELOS

Especial para o CORREIO - 9 SET 1986

Brasil

Pretende o Governo do Distrito Federal trans-ladar da Praça dos Três Poderes para o Parque da Cidade o mastro e, com ele, a Bandeira Nacional, que, desde 1972, está no principal logradouro de Brasília.

Dois pretextos, para isto, são levantados. Um, que o mastro "fere a estética da Praça dos Três Poderes". Outro, que aquele "é um símbolo do autoritarismo dos governos militares".

Não que diz respeito ao aspecto estético, não se tem notícia de que forças ponderáveis e representativas das artes ou da comunidade brasileira tenham abominado o trabalho do arquiteto Sérgio Bernardes. E já se vão mais de 10 anos que o mastro foi implantado e nele tremula, alta-neira, a Bandeira nacional. O que se tem ouvido são vozes isoladas e, adredes, solidá-rias. Em verdade, a única destoante é a de que todo o con-junto o arquitetônico da Praça dos Três Poderes é de autoria do arquiteto Oscar Niemeyer, que foi, na época da constru-ção de Brasília, nos anos 50, contratado pelo presidente Juscelino para projetar os edifícios públicos da nova Ca-pital. E o mastro, construído em 1972, numa exceção plena-

mente aceitável e democrá-tica, é de outro artista, o arqui-teto Sérgio Bernardes, nome também de muito conceito no País e no exterior.

Quanto à alegação de que aquela presença na Praça dos Três Poderes é "um símbolo do autoritarismo dos governos militares", isto não corres-ponde à verdade histórica, pa-recendo mais uma figura de retórica ou um sofisma. O que existe na Praça é um monu-mento, em que o principal, e bonito, é a Bandeira nacional, e o mastro, feio ou bonito — de acordo com a valorização de quem o vê —, é absolutamente secundário. A Bandeira nacio-nal hasteada em qualquer mastro, desde que não a indig-nifique, não é símbolo de pes-soas, grupos ou facções, se-jam quais forem. A Bandeira nacional é o símbolo de todos, da nacionalidade inteira. É símbolo, sim, do civismo e do espírito pátrio. É símbolo da Nação. E este deve ter sido — e o foi, sem a menor dúvida — o sentido e o sentimento de quem a ergueu pela vez pri-meira e pelos que o tem feito nas vezes, mensais, que se têm seguido, nestes últimos 14 anos.

Dizer-se, também, que aquele monumento "foi repu-

diado pela comunidade brasi-liense" não é verdade e chega até a ser leviana e afirmativa. Não passa de uma frase de efeito. Nenhum plebiscito hou-ve sobre o assunto e nem ocor-reu nenhuma manifestação comunitária autêntica e de amplitude.

Se se deseja dar uma unida-de autoral ao contexto arquite-tônico da Praça dos Três Po-deres, estabelecendo-se, tal-vez, uma identidade de linha estilística e personalista, que se erga um novo mastro, este projetado, agora, pelo arquite-to Oscar Niemeyer, autor dos demais projetos daquele lo-gradouro. Afinal, somos um País rico!... E um mastro a mais ou a menos não é o que val aumentar tanto a nossa vida externa ou o nosso défi-cit público.

Que se construa, até, um no-vo mastro, mas que a Bandei-ra nacional continue no mas-tro atual, e na Praça dos Três Poderes, até que o novo mas-tro, mais alto e, quicá, mais belo, seja erguido. Ai, então, a Bandeira será solenemente transferida de um para outro mastro. Nunca transferi-la de nossa principal praça, a Pra-ça dos Três Poderes, para o Parque da Cidade, um parque de recreação e lazer.